



9º Seminário de Extensão

O INDIVÍDUO E A DROGA: UMA RELAÇÃO DE MORTE E VIDA

Autor(es)

MILENE BELLANGA

Orientador(es)

Mariá Aparecida Pelissari

1. Introdução

Faculdade de Psicologia – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

A importância de se estudar os grupos decorre do fato de que todo indivíduo passa a maior parte do tempo de sua vida convivendo e interagindo com distintos grupos passando pelo primeiro de socialização primária – família nuclear – até os inúmeros outros de socialização secundária que se renovam e ampliam-se na medida em que o homem atinge a vida adulta. Quer se deseje compreender ou quer se deseje aperfeiçoar as relações sociais humanas e a própria maneira de o homem ser-para-si e ser-para-o-mundo, faz-se necessário conhecer a natureza dos grupos, a ligação dos indivíduos com o grupo, a ligação entre os indivíduos que o compõe e a ligação entre estes mesmo indivíduos e a sociedade. Estudar grupos implica no deslindamento das três diretrizes teóricas que constituem a coluna vertebral da análise da realidade grupal: Teoria do Cotidiano, Categorias Sartreanas e Teoria da Identidade. A tríplice estrutural aliada às teorias específicas da realidade grupal – neste caso, a drogadicção – formam um emaranhado de conhecimento que instrumentalizam o facilitador e possibilitam a superação – metamorfose – da condição de captura dos atores grupais. Vale dizer que o grupo de drogadictos referido neste trabalho, esteve composto por homens de faixa etária variável e em condições de internação numa clínica de recuperação em dependência química. A Teoria do Cotidiano, na voz de Heller (1972), apregoa que o homem amadurece na medida em que adquire as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana. Esse amadurecimento começa sempre por grupos que estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, culminando com a assimilação das relações sociais que podem acontecer em duas esferas de objetivações culturais: em-si e para-si. O em-si carrega em seu bojo a idéia de fenômeno semi-natural, carente de reflexão, enquanto que, o para-si, suscita a reflexão e a produção de valores no homem. Heller (1972) considera o indivíduo como sendo simultaneamente particular e genérico. A dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação das necessidades do “Eu”, enquanto que a do humano-genérico orienta-se para a “consciência de nós”. Os choques entre particularidade e genericidade não costumam tornar-se consciente na vida cotidiana o que contribui com o aumento da possibilidade da particularidade submeter o humano-genérico. A atitude cotidiana é pragmática e não implica numa práxis, só se eleva a este nível quando é atividade humano-genérica consciente. Reboredo (1995), alicerce das Categorias Sartreanas para análise do

processo grupal, diz que para se conhecer os processos grupais é necessário compreender o movimento de consciência dos indivíduos na interação com os outros. Referindo Sartre, afirma que entre o indivíduo e o grupo sempre existe um terceiro mediador que facilita o agrupamento transformar-se num grupo através da relação do Eu e Tu que se eleva à condição do Nós. As categorias de análise são: 1. Serialidade, caracterizada por indivíduos indiferenciados; 2. Fusão da Serialidade, interiorização do outro como sujeito e emersão das relações de reciprocidade; 3. Juramento, evidencia a condição de pertinência do grupo e a dispersão é evitada através da violência e do terror; 4. Organização, grupo toma consciência da unidade prática, dividem-se as tarefas podendo emergir os “terceiros mediadores”; 5. Fraternidade-Terror, grupo controla as possibilidades de fuga e de não participação, tomando medidas rígidas e; 6. Institucionalização, separação dos integrantes em função da diversidade das tarefas e das especializações que dificultam o reconhecimento de um no outro. Ciampa (1993) afirma que a identidade é composta pela articulação de vários personagens através dos papéis sociais atribuídos. Concebe a identidade através da dialética “morte-e-vida” possibilitando desvelar seu caráter de metamorfose. Para o autor, a Teoria da Identidade deve ser pensada a partir de três categorias: atividade, consciência e identidade. A atividade é o processo no qual indivíduo transforma o meio social e é transformado por ele. A percepção de tais modificações irá gerar a consciência, considerada um dos fatores decisivos para que haja a metamorfose e, a identidade é as representações e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir de suas vivências. A metamorfose pode aparecer como não-transformação. Para que a mesma não se reproduza é necessário que se elimine a identidade pressuposta e surja o outro outro, que também “sou eu”, havendo a negação da negação de mim, superando, então, a identidade pressuposta, desenvolvendo uma identidade posta como metamorfose. A cristalização da atividade em forma de predicação culmina com o fetichismo da personagem, como no caso do drogadicto, impossibilitando-o de atingir a condição de ser-para-si, de buscar a autodeterminação, de procurar a unidade da subjetividade e da objetividade, relacionando desejo e finalidade pela prática transformadora de si e do mundo. Esta estanca identitária, converte-se em identidade mito. Isso dificulta ou até impossibilita a morte simbólica do personagem, assim como o processo de superação da drogadicção, de identidade enquanto metamorfose já que é no processo de morte simbólica do drogadicto (desconstrução do personagem) que há a possibilidade da construção de outro personagem (não-drogadicto ou a volta diferente do personagem anterior ao drogadicto).

2. Objetivos

Promover, no grupo de drogadictos, reflexão acerca da própria individualidade e da individualidade em interação social – humano-genérico – através de um trabalho de intervenção que teve como propósito facilitar o processo grupal nas dimensões valorativa, operativa e afetiva no sentido de promover a superação da drogadicção.

3. Desenvolvimento

O processo de investigação do estudo foi respaldado pelo método dialético que preconiza o princípio da historicidade enquanto restauradora da realidade; da totalidade, enquanto percepção da realidade como um todo estruturado e; da contradição, como a propiciadora do desenvolvimento do concreto que é uma compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto.

A confecção do diário de campo contendo a narrativa de cada encontro grupal possibilitou que o procedimento metodológico se constituísse de três momentos conseqüentes e sucessivos. 1. Diagnóstico: interpretação de um dado do concreto analisado à luz da totalidade do movimento do fenômeno, traduzindo, em teoria, o movimento do grupo para que um plano de ação fosse traçado; 2. Intervenção: ações planejadas condizente com diagnóstico levantado como, dinâmicas grupais, músicas, pintura, modelagem com argila, etc. e; 3. Análise: interpretação dos dados contidos nas narrativas do diário de campo oferecendo subsídios para verificar se, a partir do diagnóstico formulado e das intervenções planejadas, a realidade havia se alterado no sentido da práxis.

4. Resultados

Os primeiros encontros grupais caracterizaram-se pela necessidade de constantes intervenções diagnósticas, indicando o quanto o grupo estava composto de maneira instável e quase indecifrável. A tendência grupal de alta rotatividade de integrantes mostrou-se presente durante todo o processo de realização do trabalho, mas evidenciou-se no início dos encontros em função de que o grupo não havia, ainda, se constituído como uma referência para os residentes. A exacerbada rotatividade dos integrantes refletia a maneira pela qual a instituição lidava com a questão do tratamento oferecido. Apregoava “liberdade com responsabilidade” e tratava os residentes partindo do princípio de que cada um poderia tomar uma decisão madura de permanecer ou não na instituição. Mas, como pensar num residente maduro o suficiente para decidir por si se, o que buscava na instituição era justamente o amadurecimento a partir do grupo secundário? Como poderiam os residentes ter liberdade de escolha se ainda desempenhavam o papel do tutelado? A liberdade instituída pelo cenário contribuiu em demasia para que o grupo vivesse e convivesse com a Serialidade. Os integrantes estavam indiferenciados; eram substituídos na medida em que recaíam ou optavam por abandonar a clínica. A Serialidade, condição do vir-a-ser (mesmidade) grupal compunha-se, no grupo, como um fim em-si-mesma (mesmice). A presença de um terceiro mediador às avessas da conceituação formulada por Reboredo (1995) contribuiu ainda mais para cristalização da série. A saída deste terceiro mediador transformou as relações hierárquicas do grupo em relações de maior igualdade. O ingresso de novos residentes renovou as relações promovendo maior engajamento na participação grupal. O momento reservado para os encontros havia conquistado um lugar de referência na clínica. O grupo passou a movimentar-se em direção à fusão da serialidade. A elevação da consciência de si e do outro foi culminando com uma identidade grupal. Uma revisão das intervenções foi desenvolvida: os encontros iniciais estiveram regados de estratégias calcadas nas esferas valorativas e operativas, deixando a desejar no que dizia respeito à esfera afetiva. Entretanto, a intervenção foi falha por não abarcar o âmbito afetivo ou foi adequada por respeitar o momento de não-integração grupal? Os integrantes desempenhavam papéis com características de tutela. A mesmice da tutela era repostada pela instituição e pelos familiares que se prestavam a cuidar dos residentes enviando roupas, comidas e cigarros e, inclusive, pelos próprios residentes que, em momentos de reflexão, viam-se fadados a interpretar o papel daquele-que-é-cuidado. Esta identidade pressuposta só poderia ser superada através da negação da negação: deveriam negar aquilo que eram, pressupostamente (tutelados), para dar espaço ao surgimento daquele-que-tem-autonomia. Os residentes eram capturados pelo fetichismo através de duas situações. A primeira referia-se à própria condição da drogadicção. A identidade encontrava-se cristalizada e o papel de drogadicto impunha-se sobre os demais papéis. Já a segunda situação referia-se ao fato de o drogadicto buscar auxílio numa instituição asilar. Havia uma inversão de apoderamento dos papéis: se antes o papel de drogadicto era o dominante, agora o de tutelado se evidenciava. Esta alternância de papéis funcionava como uma falsa metamorfose já que era mais aceitável que o indivíduo fosse implicitamente dependente de alguém (pais ou instituição) do que explicitamente de algo (drogas). O grupo retornou à série. O movimento de rotatividade culminava com o retorno à serialidade equivalente à recaída do drogadicto, como se o regresso à serialidade remetesse à morte simbólica. O grupo reproduzia dentro da instituição o movimento de morte e vida que o drogadicto vivencia em função das constantes reincidências com a droga. Após alguns encontros, o grupo começou a caminhar novamente para a fusão. Possivelmente, o grupo permaneceria por mais alguns encontros fusionado, mas não conseguiria atingir a Organização já que processo de evolução e identidade grupal se dava, na instituição, de maneira vagarosa enquanto que a entrada e saída de integrantes acontecia num ritmo frenético e descompassado.

5. Considerações Finais

O procedimento da internação por conta da drogadicção é fato e, em alguns casos, necessário à recuperação do drogadicto. A idéia de instalar o drogadicto num local distante da sua vida cotidiana vinculada às drogas não é de um todo ruim, a questão problemática é o fato de que grande parte destas instituições não oferece suporte profissional adequado para a promoção da metamorfose e, portanto da superação da drogadicção. O mito criado na década de 70 de que os hippies eram pessoas psicologicamente afetadas em função do uso da droga, contribui para manter, nos dias atuais, a idéia da

imprescindibilidade e da auto-suficiência da Psicologia dentro de uma instituição de recuperação de dependentes químicos. O homem é reduzido aos “problemas psicológicos”, ignorando-se a questão de que a formação humana se dá através do tripé bio-psico-social. A Psicologia era considerada na instituição como a área científica mais importante para a promoção da recuperação química, por tanto, as investidas dos diretores eram sempre no sentido de buscar psicólogos voluntários para trabalhar na instituição. Médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais eram relegados a segundo plano. “O indivíduo e a droga: uma relação de morte e vida” refere-se a este movimento dialético incessante que ocorreu na instituição: morte pela recaída do drogadicto, vida pela metamorfose; morte pela serialidade, vida pela fusão; morte pelas ações ensimesmadas da instituição, vida pelas reflexões para-si emergidas no grupo. Esse foi o movimento; esta foi a dinâmica dos indivíduos, do grupo e da instituição. Não se pode afirmar com segurança se houve ou não práxis. É certo que o movimento de instabilidade do grupo não contribui para a constituição da práxis grupal, entretanto, o que se pode supor, é que talvez, em níveis individuais, a práxis tenha se constituído. Na verdade, talvez seja necessário instigar a práxis institucional, mas a tarefa da transformação institucional é muito árdua e nem sempre possível em função da herança normativa e valorativa que carrega ano após ano na metodologia de seu funcionamento. Se a instituição contasse com uma equipe multidisciplinar de profissionais e repensasse algumas de suas convicções, talvez não reproduzisse tão fortemente, em seu bojo, o movimento de morte e instituiria com maior coerência o movimento de vida, de metamorfose.

Referências Bibliográficas

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia Social. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

REBOREDO, Lucília Augusta. **De Eu e Tu à Nós**. 2.ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.